Alva e o guizo na neve



Mãe e pai

Este livro pertence a

_____

Bem-vindo a este livro de exemplo! Foi feito tal como será o teu, com as fotografias e escolhas mostradas ao lado, e mostra como pode ser uma história da Saga para ti.
Folheia, lê e imagina a tua criança como a heroína do seu próprio conto de fadas.

Era a noite antes da véspera de Natal. Dentro de casa, cheirava a bolachas de gengibre, pãezinhos de açafrão e ramos de abeto. Alva tinha acabado de pôr a última bengala de menta no prato quando algo tilintou à janela. Clin, clin, clin.

Na neve estava uma pequena cria de rena. Tinha asas dobradas, como dois mantos macios ao longo das costas, e um guizo prateado ao pescoço. Olhou para Alva, olhou para o céu e depois bateu com uma minúscula pata. Entre as nuvens, uns pontinhos escuros deslizavam para lá da lua. A cria de rena tentou abrir as asas, mas voltou a dobrá-las. Então, Alva correu para o hall.





Alva pôs o gorro, as luvas e as botas tão depressa que uma das luvas ficou do avesso. — Fica assim — disse ela. Ar frio, com cheiro a neve, entrou pela porta aberta.

A cria de rena já tinha encontrado uma fila de pequenas pegadas de patas. Estavam na neve fofa e apontavam para a floresta de abetos. Alva agachou-se ao lado delas. — Vamos seguir o rebanho — disse ela. — Um passo de cada vez. Pensou um pouco e acrescentou: — Um pelas árvores. A cria de rena deu um passo cuidadoso. O guizo respondeu: clin. Alva deu mais um e, juntas, seguiram as pegadas rumo às árvores escuras.

Na floresta de abetos, reinava aquele silêncio que só a neve sabe fazer. Os ramos pendiam brancos e redondos e, de vez em quando, caía uma bola de neve com um pequeno plof. Alva viu primeiro as pegadas: duas marquinhas pequenas e depois mais duas. Seguiu-as com atenção, como quando procurava rastos de animais depois de uma nova queda de neve.

A cria de rena apressou-se três passos, mas um ramo baixo prendeu-se numa das suas asas. Ela deu um puxão e ficou quieta. — Espera, eu vejo — disse Alva. Afastou o ramo com cuidado. — Um pelas árvores — recordou ela. A cria de rena seguiu em frente. Entre os troncos, abriu-se um grande campo branco e, muito ao longe, ouviu-se um bummm profundo.





Por detrás do último abeto ficava o lago, gelado e brilhante sob a neve. Lá no fundo, o gelo cantava: bummm, bummm, como um tambor enorme debaixo da terra. As orelhas da cria de rena viraram-se cada uma para seu lado.

Mas as pegadas do rebanho brilhavam através do lago. Já não eram marcas normais. Reluziam em branco-prateado e uniam as margens como uma estreita ponte de inverno. Alva pousou a bota na primeira pegada cintilante. — Um pelas árvores — disse ela. Depois viu a próxima parte do caminho. — E um sobre o gelo. A cria de rena ficou parada por uns instantes. Então o guizo fez clin, e ela pousou a sua pequena pata ao lado da de Alva.

A meio do lago, o gelo cantou outra vez, agora mais demoradamente: bummm-bummm-bummm. A cria de rena deu um saltinho. O guizo chocalhou tão depressa que Alva quase perdeu a conta aos passos.

— O lago é muito bom nos graves — disse ela. — Mas precisa de ajuda para o resto. Alva cantarolou um bocadinho de uma canção de Natal, baixinho e um pouco desafinada. A cria de rena escutou. Depois pousou as patas nas pegadas cintilantes, uma a uma. Um pelas árvores, um sobre o gelo. Na outra margem, esperavam pequenos pontinhos amarelo-dourados na escuridão. Alva semicerrrou os olhos. — Lanternas de neve! — disse ela, acelerando o passo.





As lanternas de neve estavam numa fila torta, redondas como pãezinhos de neve. Dentro de cada lanterna tremeluzia uma pequena luz. Cheirava levemente a cera quente, apesar de a noite estar fria e límpida.

Entre as lanternas, Alva encontrou mais pegadas de patas. Uma tinha pisado mesmo junto à sua antiga pista de trenó. — Estiveram aqui — disse ela. Olhou para cima. Acima das lanternas erguia-se a colina alta, branca contra o céu. — Um pelas árvores, um sobre o gelo, um junto às lanternas. A cria de rena esticou o pescoço em direção ao cimo, mas o rebanho não se via. Só o vento se movia lá em cima. Alva começou a caminhar para a encosta.

A colina parecia duas vezes mais alta quando Alva chegou ao seu sopé. Ali, costumava andar de trenó até ficar com as bochechas vermelhas e as luvas pesadas de neve. A descer, era rápido. A subir, era sobretudo muito ofegar.

— Vamos dar passinhos — disse ela. A cria de rena tentou subir, escorregou para trás e, de repente, sentou-se mesmo na neve. As asas ficaram tortas. Alva apertou os lábios para não se rir, mas os ombros tremiam na mesma. A cria de rena lançou-lhe um olhar muito zangado. — Desculpa — disse Alva, estendendo-lhe a mão. — Um pelas árvores, um sobre o gelo, um junto às lanternas, um a subir a colina. Mais um passo. E depois mais outro.





A meio da subida, o vento contornou a colina. Varreu neve pelo caminho delas. Primeiro, as pegadas da cria de rena ficaram pouco fundas. Depois, as marcas das botas de Alva voltaram a encher-se, até serem apenas covinhas macias que desapareciam enquanto ela olhava.

— Vamos depressa — disse Alva. Deu dois passos. A cria de rena deu um. Ela deu mais dois, e a outra seguiu-a, com o guizo silencioso contra o peito. Atrás delas estavam os abetos, o gelo e as lanternas, mas o vento apagava tudo. Alva disse o caminho em voz alta, como se as palavras pudessem mantê-lo ali: — Um pelas árvores, um sobre o gelo, um junto às lanternas, um a subir a colina. O cimo estava perto. Mas será que o rebanho ainda lá estaria?

No cimo não havia árvores, apenas céu, vento e neve a correr de lado. Alva virou-se. O caminho delas devia estar ali. Mas não havia pegadas nenhumas, nem uma única.

— Agora podes voar — disse ela, apontando para cima. A cria de rena abriu as asas. Baixou-se, ganhou impulso com as patas da frente e parou. O guizo balançava sem fazer som. — Voa! — disse Alva outra vez, desta vez mais alto. Mas a cria voltou a dobrar as asas e encolheu-se, pequena como uma luva perdida. Acima delas, o rebanho continuava a deslizar em direção à orla das nuvens. Alva apertou com força a luva. Que teria ela que o rebanho pudesse ouvir?





O vento puxou o gorro de Alva. Ela segurou-o com uma mão e olhou para a outra. Mesmo debaixo do queixo da cria de rena estava o guizo, brilhante apesar da neve. Alva lembrou-se do tilintar lá fora, à janela. Lembrou-se de como se tinha ouvido entre os abetos.

— Talvez não nos vejam — disse ela. — Mas talvez nos oiçam. Pegou cuidadosamente no guizo e tocou-o: clin, clin, clin. Três sons claros. Ao princípio, só o vento respondeu. Alva tocou-o outra vez, com mais força. Clin, clin, clin. Então, um pontinho escuro parou acima da orla das nuvens. Depois veio uma resposta, fina mas nítida: clin-clin-clin.

As orelhas da cria de rena ergueram-se. No céu, os pequenos pontos deram a volta. Mais guizos tilintavam nas nuvens, como se as estrelas abanassem bolsos cheios de prata.

Alva olhou para a pista de trenó. Descia suavemente desde o cimo, lisa de tantas descidas e larga o suficiente para duas. — Não tens de começar logo a subir — disse ela. — Quando desço aqui, primeiro inclino-me para a frente, e depois acontece por si só. Pôs os pés junto à beira. — Um pelas árvores, um sobre o gelo, um junto às lanternas, um a subir a colina... A cria de rena deu um passo em frente. Alva sorriu. — ... e um a descer.





Alva correu. Correu como quando o trenó já começou a deslizar e é preciso apanhá-lo antes que desapareça. A neve levantava-se à volta das botas. A cria de rena corria ao lado dela, primeiro rígida e depois cada vez mais depressa.

— Um a descer! — gritou Alva. A cria estendeu as asas. Deu um salto. Depois mais outro. Ao terceiro salto, as patas quase já não tocavam na neve. O guizo cantou tão claramente que Alva se riu mesmo enquanto ofegava. A cria de rena elevou-se por cima da beira de neve e subiu ao céu que começava a clarear. O rebanho veio ao seu encontro, tilintando e brilhando, e a pequena cria voou direitinha para o meio dele.

Na manhã da véspera de Natal, a casa estava sossegada outra vez. Cheirava a café, bolachas de gengibre e ao pequeno abeto no canto. Em cima da mesa, os pãezinhos de açafrão estavam sob um pano às riscas. Alva aproximou-se da janela.

Na neve nova, havia uma fila de pequenas pegadas de patas, até à casa e de volta. No topo do abeto, pendia um pequeno guizo prateado numa fita vermelho-escura. Alva pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um empurrãozinho cuidadoso. — Clin, clin, clin — disse ele. Muito acima do telhado, via-se um pequeno rebanho no céu rosa de inverno. Alva tocou o guizo mais uma vez.



Alva e o guizo na neve

Na noite antes da véspera de Natal, uma pequena cria de rena voadora aterra junto à janela de Alva, longe do seu rebanho. Alva segue pegadas pela neve, atravessa gelo que canta e sobe a sua própria pista de trenó, onde um pequeno guizo terá de ser ouvido até ao céu.

pt-pt.sagatilldig.se